2

Emmanuel Lévinas e a crise contemporânea

Morte, dor, sofrimento... O século XX foi atravessado por duas grandes guerras mundiais que revelaram a grave crise que se abatia sobre a sociedade. A humanidade experimentou nesse período um evento sem precedentes no que diz respeito ao terror, à tortura e à destruição. Esse momento difícil vivenciado pela sociedade se torna evidente não só nas lutas armadas, mas, sobretudo, na redução das pessoas - do *outro* - ao nada. Essa foi a tônica do século passado e parece se repetir nesse limiar do século XXI.

Concomitantemente às guerras do século XX, a humanidade assistiu a significativos avanços científicos e tecnológicos - a história demonstra que os momentos de maior progresso científico e desenvolvimento tecnológico coincidiram com os períodos de devastação¹ – sustentados pela carência e acumulações e impulsionados pela destruição e produção bélica.

Dando vazão à sua ânsia de progredir e crescer, tomado pela necessidade de superar o sofrimento trazido pela luta armada e pela morte de milhões, o ser humano, especialmente o ocidental, se fechou ainda mais na totalidade do si-mesmo. Isto é, ele se apropriou de vez de uma racionalidade focada na identidade do sujeito quase que como a única forma de se proteger da barbárie².

As guerras não só refletiram como também agravaram a desvalorização da pessoa humana no decorrer do século XX e início do século XXI. Apesar do notório desenvolvimento científico e tecnológico desse período, a vida do *outro*, do próximo, não foi valorizada.

No Holocausto, por exemplo, a matéria prima da indústria era o ser humano, e o produto, a morte, obstinadamente registrada nos mapas de produção. Gênios

¹ “As tecnologias criadas nas grandes guerras continuam a significar muito para a humanidade. É notório e de conhecimento geral que a tecnologia teve um profundo *boom* com o incremento e o estímulo da guerra, principalmente na Segunda Guerra Mundial. A defesa nacional do países gerou um permanente esforço de superação das próprias limitações de alcance guerreiro e combativo, criando-se um ciclo em que a economia depende da guerra e esta daquela.” (BITTAR, E. C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*. p. 43)

² Entendemos que esse processo de fechamento em si-mesmo pelo homem já ocorria antes mesmo da eclosão das guerras, sendo estas uma consequência direta desta situação e que, em razão do sofrimento que provocaram, agravaram ainda mais o individualismo contemporâneo.

da ciência dedicaram todo o seu potencial à elaboração de fórmulas de extermínio rápidas, economicamente viáveis e que atingissem o maior número de pessoas³...

A ciência e a tecnologia se desenvolveram, mas tiveram sua utilização desvirtuada, pois ao invés de protegerem a vida, se tornaram formas de dominação do homem sobre a natureza e sobre os *outros* homens.

Nessa busca incessante pelo progresso, o ser humano se afastou da concreitude de sua existência e se fechou no seu eu, sem se dar conta de que agindo desta forma estava negando a sua própria condição de sujeito.

É mergulhado nesse contexto, e assim experimentando-o, que Emmanuel Lévinas pensa as relações humanas: “A minha crítica da totalidade surgiu, de facto, após uma experiência política que ainda não esquecemos.”⁴ Sobrevivendo numa sociedade alicerçada no isolamento, na competição, na indiferença, Lévinas procura tecer uma crítica contundente ao pensamento totalitário contemporâneo do ocidente.

Importante se faz destacar que Emmanuel Lévinas vivenciou ambas as grandes guerras⁵ e, conseqüentemente, a formação, o desenvolvimento e a consolidação de seu pensamento reproduzem as experiências dolorosas pelas quais passou. Sua obra é marcada por uma profunda crítica aos fundamentos da tradição filosófica do ocidente, que desencadearam uma racionalidade desmedida, auto-suficiente e capaz de violência para com o *outro*; espelhando a inquietação de uma época assinalada pela dominação do homem sobre o *outro* homem.

Tendo vivido num século que experimentou toda a sorte de horrores da violência, Emmanuel Lévinas não passou por ele imune, por isso, sua produção é melhor compreendida se situada nos horizontes dos acontecimentos do século XX. Mais do que simples relatos históricos, os episódios que marcaram o “Século das Guerras” desvelam a eclosão da crise humana que permanecia latente na sociedade a tempos.

³ “É do conhecimento geral a esta altura que as tentativas iniciais de interpretar o Holocausto como um ultraje cometido por criminosos de nascença, sádicos, loucos, depravados sociais ou indivíduos de outra forma moralmente incompletos não encontraram qualquer confirmação nos fatos envolvidos. Sua refutação pela pesquisa histórica está hoje praticamente consumada.” (BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*, p. 38)

⁴ LÉVINAS, E. *Ética e Infinito*. p. 70.

⁵ Emmanuel Lévinas, ainda garoto quando da Primeira Guerra Mundial, foi obrigado a emigrar para a Ucrânia. Na Segunda Grande Guerra, primeiramente chegou a servir o exército francês como tradutor; posteriormente foi preso e, se de um lado teve sua esposa e sua filha poupadas do Holocausto, de outro assistiu a dizimação dos demais membros de sua família pelo nazismo.

Emmanuel Lévinas constatou as graves conseqüências de uma ética centrada na consciência do *Eu*, que pode levar ao desaparecimento do lado humano do *outro* e propôs uma nova perspectiva de reflexão assentada na idéia de pensar a si mesmo e a sociedade a partir e com o *outro*⁶. Afinal, segundo ele, a justiça deve passar necessariamente pela ética e pela conscientização da reciprocidade de responsabilidade do *Eu* para com o *outro*.⁷

O pensamento de Lévinas ainda se coaduna com o retrato social desse início de século pois, se é verdade que as guerras, no sentido de luta armada, já não são tão visíveis e declaradas, ainda assim assistimos ao aniquilamento do *outro*, do ser humano, só que agora através de novas armas, isto é, da exclusão econômica e social, da negação de direitos, do preconceito, da supressão de participação política, entre outras.

Se a forma de “matar” o humano mudou, o pano de fundo continua: A partir do momento que se nega a existência desse *outro*, ou melhor dizendo, que o homem se fecha em si mesmo, ele se liberta de pensar neste *outro* como alguém e de, conseqüentemente, se sentir responsável por ele.

2.1

Os paradoxos da contemporaneidade

A perspectiva escolhida por Emmanuel Lévinas para analisar a sociedade contemporânea foi a da destruição do homem pelo homem, da matança ocasionada pela indiferença de um ser humano para com o *outro*. Todo seu trabalho se constrói tendo por traço característico uma radicalidade crítica em relação à consagração da razão humana - esta foi o móvel da sociedade durante todo o século XX e ainda se faz bastante presente na atualidade – que culminou na morte de milhões de pessoas.

⁶ “... na formação do convívio, sente-se uma crise ética na medida em que o outro (*alter*) foi expulso do campo de visão/previsão do indivíduo (*ego*). Sabendo-se que este modo de ação consciencial afeta todo o campo de projeção da construção da consciência coletiva, do pulsar em direção ao outro, do co-existir, do co-viver, do estar-posto-no-grupo, da gregariedade aristotélica como expressão da natureza humana, esta não parece ser uma perspectiva de investigação/averiguação de todo despropositada.” (BITTAR, E. C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*. p. 6)

⁷ “Levinas denomina o sistema de justiça como sendo de acordo com a razão. Ele fundamenta a justiça como na infinita responsabilidade da relação do face a face com o Outro que se revela em seu rosto na interpelação ética e me coloca em questionamento.” SIDEKUM, A. *O traço do Outro: globalização e alteridade ética*. p. 172.

A dualidade, a contradição, o disparate levam Lévinas a questionar como pode uma sociedade que se auto-intitula humanista não salvaguardar os princípios humanos: “Existe fragilidade do humanismo no liberalismo ocidental? É uma incapacidade fundiária de assegurar os princípios de humanidade de que o humanismo creu-se depositário?”⁸

Se o século XX pode ser conhecido como o momento em que a humanidade alcançou incomparáveis níveis de bem-estar e extraordinários avanços tecnológicos e científicos, também foi o momento em que se vivenciou uma manifestação violenta e repentina da ruptura de equilíbrio que culminou com a destruição e o assassinio.

Ante tal estado de coisas, Emmanuel Lévinas pergunta se a teoria política do ocidente, ou mesmo a filosofia ocidental, teria sido suficiente a oferecer um equilíbrio nas relações humanas, ou uma possibilidade, ainda que mínima, de convivência harmônica entre os homens.

Segundo Lévinas,

O caráter inumano dos acontecimentos deste século determinou, no conjunto da inteligência do nosso tempo, uma desconfiança em relação à uma certa linguagem do homem, que pode-se chamar, seguindo os slogans usados, o anti-humanismo. Desconfiança que não se confunde imediatamente com o abandono do ideal humano e consiste, sobretudo, em colocar em dúvida o que descreveremos a seguir como humanismo, no sentido estrito do termo... É um protesto contra as bonitas cartas e a declamação que tem lugar em atividades necessárias, contra a decência onde se refugia a hipocrisia, contra a antiviolença que perpetua abusos, mas também contra a violência das indignações verbais dos próprios revolucionários que se invertem diretamente com passatempos culturais e que fazem literatura revolucionária, onde a literatura reveste a revolução e, portanto, adula gostos artísticos indiferentes.⁹

⁸ “Est-ce la fragilité de l’humanisme dans le libéralisme occidental? Est-ce une incapacité foncière d’assurer les principes d’humanité dont l’humanisme s’est cru dépositaire?” (LÉVINAS, E. *Difficile Liberté: essais sur le judaïsme*, Paris: Albin Michel, 1984, p. 391)

⁹ “Lê caractere inhumain dès événements de ce siècle a determine, dans l’ensemble de l’intelligence de notre temps, une méfiance à l’égard d’un certain langage sur l’homme, ce qu’on peut appeler, en suivant les slogans à la mode, l’antihumanisme. Méfiance qui se confond pas d’emblée avec l’abandon de l’idéal humain et consiste, avant tout, à mettre en doute ce que nous avons décrit tout à l’heure comme humanisme au sens étroit du terme... C’est une protestation contre les belles lettres et la déclamation que tiennent lieu d’activités nécessaires, contre la décence ou se réfugie l’hypocrisie, contre l’antiviolença qui perpetue dès abus, mais aussi contre la violence des indignations verbales des révolutionnaires eux-mêmes, qui s’invertissent aussitôt en passe-temps culturel et qui se font littérature révolutionnaire, ou la littérature enrobe là révolution et, dès lors, flatte des goûts artistiques blasés”. (LÉVINAS, E. *Difficile Liberté: essais sur le judaïsme*, Paris: Albin Michel, 1984p. 393)

Esta crise do humanismo é a marca da sociedade contemporânea, em especial da sociedade ocidental. Um dos pontos mais contraditórios do século XX e deste início de século é a hipocrisia com que prega a paz e os direitos humanos ao mesmo tempo em que se fomentam guerras e golpes de Estado em todo mundo. Fala-se em humanismo e age-se de forma anti-humanista. Nos dizeres de Jean-François Mattéi, chega a ser estranho, uma sociedade que se absolve “ideologicamente dos crimes cometidos” e se ilude acreditando que basta a exaltação dos direitos do homem para impedir uma recaída na “barbárie universal”.¹⁰

Nas palavras de Lévinas,

A face do ser que se mostra na guerra fixa-se no conceito de totalidade que domina a filosofia ocidental. Os indivíduos reduzem-se aí a portadores de formas que os comandam sem eles saberem. Os indivíduos vão buscar a essa totalidade o seu sentido (invisível de fora dela). A unicidade de cada presente sacrifica-se incessantemente a um futuro chamado a desvendar o seu sentido objetivo. Porque só o sentido último é que conta, só o último ato transforma os seres neles próprios. Eles serão o que aparecerem nas formas, já plásticas, da epopéia.¹¹

2.1.1

As guerras do século XX

As guerras e dos conflitos armados não ocorreram unicamente no século XX, é claro, mas os estragos decorrentes das lutas desse período não encontram precedentes na história do homem sobre a Terra¹².

Se o século XX pode ser conhecido como o momento em que a humanidade alcançou incomparáveis níveis de bem-estar e extraordinários avanços tecnológicos e científicos, também foi o momento em que se vivenciou uma manifestação violenta e repentina da ruptura de equilíbrio que culminou com a destruição e o assassinio.

A ilusão de que o desenvolvimento tecnológico e científico propiciariam a conquista da paz foi destruída pelo balanço do século XX. Nesse espaço de tempo

¹⁰ Cf. MATTÉI, J. F. *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, p. 11.

¹¹ LEVINAS, E. *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*, p.10.

¹² Nas palavras do historiador Eric Hobsbawm, este “foi o século mais assassino de que temos registro, tanto na escala, frequência e extensão da guerra que o preencheu, como também pelo volume único de catástrofes humanas que produziu, desde as maiores fomes da história até o genocídio sistemático”. (HOBSBAWM, E. *Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991*)

o homem descobriu e realizou o que não tinha conseguido fazer em dezenove séculos, ao mesmo tempo, porém, exterminou inúmeros indivíduos e impôs a *outros* precárias condições de sobrevivência.¹³

Na realidade, os benefícios provenientes do progresso técnico-científico contemporâneo mudaram o contexto da vida no planeta: o homem voou, aprendeu a extrair e a transportar as riquezas naturais, a manipular a genética, a curar doenças, a comunicar-se a longas distâncias... De outro lado, porém, os prejuízos decorrentes da destruição produzida pelas duas grandes guerras, pelo perigo atômico, pela guerra fria, por conflitos étnicos e religiosos, por desequilíbrios econômicos e sociais, deixaram transparecer o crescente individualismo em que se move a sociedade atual.¹⁴

As guerras do século XX permitiram o nascimento, a eclosão da individualidade, da competitividade, da racionalidade científica e do progresso tecnológico que foram gestados nos séculos anteriores. Milhares de pessoas foram sacrificadas e contadas como números, como produto inevitável de um processo de desenvolvimento.

Conforme Lévinas,

O estado de guerra suspende a moral; despoja as instituições e as obrigações eternas da sua eternidade e, por conseguinte, anula, no provisório, os imperativos incondicionais. Projecta antecipadamente a sua sombra sobre os actos dos homens.¹⁵

O modelo moderno de pensamento racional propiciou ao homem conquistas extraordinárias no campo das ciências e, concomitantemente o desmanche de valores humanísticos que os séculos anteriores tinham lutado para estabelecer. O

¹³ “Longo na visão do sócio-economista Giovanni Arrighi, e breve na ótica do historiador Eric Hobsbawm, o século XX está no fim, deixando uma incomparável herança de conquistas técnico-científicas capazes de tornar a vida melhor do que nunca. Só que esse progresso ficou restrito a pequenos espaços e a poucas mãos. O desafio do novo milênio será o de mudar esse quadro de profunda injustiça, usando as elevadas conquistas do conhecimento para produzir maior felicidade individual e coletiva, deixando para trás a fome, a violência, o analfabetismo, a mortalidade infantil, os desequilíbrios ambientais e muitas outras misérias que, paradoxalmente, povoaram o século do progresso.” (FERNANDES, A. P. *A Desafiadora Herança do Século XX*. Publicação eletrônica.)

¹⁴ “Até aqui poderíamos usar a imagem de um ser que cresceu muito de uma perna (a do progresso científico e técnico) e que quase nada cresceu de outra (a do desenvolvimento moral e espiritual); eis por que não deve assustar a afirmação de que o homem atual é *desequilibrado*. Como equilibrar-se com pernas tão desiguais?” (MORAIS, R., *Estudos de Filosofia da Cultura*. p. 91)

¹⁵ LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*, p. 9.

abuso da razão ocasionou um sujeito absolutizado em detrimento do *outro*, uma sociedade que se ergueu às custas da indiferença para com o *outro*.¹⁶

Está-se diante de uma sociedade totalitária, fundamentada e guiada por uma racionalidade centrada nas mãos dos que têm poder. Uma sociedade de sujeitos contraditórios, que aceitam a tragédia como justificativa para a realização pessoal - que se entende acontecer na acumulação incessante de riquezas. Enfim, uma sociedade mergulhada na violência e indiferente à destruição do próprio homem, apesar do progresso científico e tecnológico.

Outro ponto importante a ser destacado no tocante às duas grandes guerras foi a mudança de curso, o deslocamento de poderio econômico da Europa para a América do Norte, especificamente a liderança assumida pelos Estados Unidos¹⁷. Esse fato perdura até os dias atuais, apesar de já vir apresentando sinais de alteração conforme notícias recentes de recessão da economia norte-americana.¹⁸

A idéia de progresso e desenvolvimento na sociedade contemporânea está, portanto, atrelada à de destruição, dominação e luta pela hegemonia. Não é por acaso que, quanto mais turbulenta se apresentava a sociedade, mais se reafirmava o crescimento econômico norte americano.

A associação progresso, desenvolvimento/destruição, dominação verificada nas relações entre as nações do mundo, pode ser facilmente sentida e localizada nos relacionamentos entre as pessoas, sendo a concorrência, a competição, a indi-

¹⁶ “Muitos pensadores contemporâneos se interrogaram sobre as diversas ressurgências da barbárie que se teria podido acreditar erradicada com o aparecimento do cristianismo e, mais tarde, com o advento do humanismo. O século XX pensou triunfar sobre a ignorância, a guerra e a violência graças aos progressos da ciência e à generalização da democracia. Contudo, engendrou guerras mundiais, extermínios e genocídios a um grau jamais igualado na história, para não dizer nada da humilhação generalizada da figura humana de que são testemunhos a literatura e a filosofia.” (MATTÉI, J. F., *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, p. 10)

¹⁷ “Nessa lógica, tem preponderado a atuação expansionista e colonialista, imperialista e dominadora, dos Estados Unidos da América, na liderança bélica e econômica das políticas internacionais. Contudo, o atentado de 11 de setembro demonstrou que até mesmo a *intelligentzia* americana não está a salvo das instabilidades oriundas dos grandes conflitos sobre os quais os Estados Unidos tradicionalmente interferiram. Toda a emergência econômica de uma colônia de ingleses, todas as vitórias de uma cultura que conquistou a hegemonia internacional, todo poderio consolidado de uma política pragmática que se injetou nas negociações e nas relações comerciais e estratégicas humanas estavam espalhadas nas estruturas das composições arquitetônicas atingidas, o *World Trade Center* e o Pentágono. Esses edifícios eram a demonstração de que o milagre americano foi possível e se realizou. No entanto, aviltados, vilipendiados, agredidos, demonstram a erosão de um sistema, contestado até as últimas conseqüências.” (BITTAR, E. C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*, p. 130)

¹⁸ A mídia tem noticiado nos últimos meses a ameaça de uma séria recessão nos Estados Unidos da América. Segundo Nouriel Roubini, professor da New York University e um dos maiores opositores da atual política monetária do banco central americano, as chances de uma recessão grave ainda no fim deste ano de 2008 chegam a 70%.

ferença suas formas mais claras de expressão. A dominação e a hegemonia são, portanto, elementos marcantes da atual visão totalitária.

Nesta razão totalitária o homem moderno traduz a guerra, a disputa, a competição, a concorrência e a indiferença por elementos sem os quais não se sobrevive. Esse o motivo pelo qual na atualidade o homem assiste muitas vezes ao massacre de inúmeras pessoas e nada questiona, reconhecendo a violência como algo inerente ao processo desenvolvimentista da ciência e da tecnologia.

Para Lévinas¹⁹ a guerra já começa a violentar o ser humano quando impõe que este se utilize de armas e passe a desempenhar um papel com o qual não se identifica: “A face do *Ser* que se mostra na guerra fixa-se no conceito de totalidade que domina a filosofia ocidental. Os indivíduos reduzem-se aí a portadores de formas que os comandam sem eles saberem.”²⁰

2.1.2

Do ensimesmamento contemporâneo às idéias totalitárias

O ser humano sai do século XIX altamente individualista e interiorizado, a ponto de se poder declarar que ele é radicalmente indiferente a tudo que lhe seja exterior. O homem moderno não é mais sujeito a limites, senão aqueles impostos pela própria consciência. No entendimento de Lévinas o mundo moderno sacrificou a medida transcendente da justiça à satisfação imanente da liberdade. Nas palavras de Hannah Arendt, o homem moderno “se fechou em si mesmo”.

Fechado e isolado em si mesmo, o homem moderno chega ao século XX e é facilmente absorvido pelas idéias totalitárias passando, sem questionamento, a se mover seguindo o fluxo, no embalo daqueles que detêm o poder. Assim, no século XX, o sujeito contemporâneo passa de homem sujeito a homem raça (nazismo),

¹⁹ A filósofa política Hannah Arendt, na esteira do exposto por Lévinas, assevera em sua obra que as idéias totalitárias conduzem à *banalização do terror*. Em 1963, quando escreveu “*Eichmann em Jerusalém*”, tendo por base a cobertura jornalística que fez do julgamento em Israel do oficial nazista Adolf Eichmann, a autora demonstrou que o temido carrasco alemão não passava de um burocrata, cumpridor de ordens, incapaz de separar o bem do mal. Em “*Eichmann em Jerusalém*”, Hannah Arendt revela que a complexa natureza humana é capaz de *banalizar o mal* quando é condescendente com a tortura, o sofrimento e a própria prática do mal. E mais, assevera que a *banalização do mal* fere princípios éticos e jurídicos da dignidade da pessoa humana, na medida em que o *outro* é visto como *coisa*, despida, portanto, de respeitabilidade.

²⁰ LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*, p. 10.

ou homem classe (comunismo) e nega o que há de humano no homem, consequentemente, em si mesmo.²¹

As idéias totalitárias arrancam do homem a sua individualidade e fazem dele mais um em meio à massa²², nos dizeres de Mattéi, ele “se funde à espécie” e por ela é sacrificado. A partir do momento que o homem se identifica com a massa – e essa identidade passa pelo processo de se sentir igual de alguma forma, seja pela raça (nazismo), seja pela classe (marxismo), como nossa história já demonstrou – ele não mais existe para si e sim para reafirmar o totalitarismo, a quem se entrega de corpo e alma²³, num desejo de sobrevivência.

O indivíduo totalitário não percebe a semelhança entre ele e aquele sobre o qual recai a repugnância da massa, sua pretensão é aniquilar, extirpar seu inimigo que lhe é diferente e que, por isso, não é visto como sujeito e sim como objeto a ser banido, varrido.

A sociedade moderna, assentada no modelo individualista e competitivo da razão centrada e contida em-si-mesma passou a reproduzir não só lutas, como também de desemprego, desnutrição, analfabetismo, destruição ambiental e outras “pragas” da atualidade; uma sociedade hipócrita onde a violência é reconhecida e não recusada, por ser entendida como algo inerente ao progresso e ao desenvolvimento.

O sujeito contemporâneo carrega em si o conflito de viver enclausurado no individualismo e de agir em nome de uma massa com a qual busca se identificar. Atuando na sociedade como alguém que não pensa e, portanto, inconsciente de seus atos, é mero instrumento nas mãos de algumas cabeças que dizem o que deve ser feito. Ele se detém tanto em seu individualismo – e a isso é estimulado a todo o instante - que não se lhe é possível pensar suas atitudes e tentar pará-las. O isolamento e o egoísmo cessam-lhe o pensamento e ele reproduz esse modelo de so-

²¹ “Reduzir o ser humano concreto a um material social ou racial, quer dizer, a um sujeito formal definido por meio de processos sociais ou raciais, significa destruir sua realidade substancial que é o mesmo que sua humanidade.” (MATTÉI, J. F., *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, p. 307)

²² “O termo massas se aplica apenas onde lidamos com pessoas que, ou simplesmente por causa de seu número ou indiferença ou da combinação de ambos, não podem ser integradas em qualquer organização baseada no interesse comum, como partidos políticos, governos municipais, organizações profissionais ou sindicatos. Potencialmente, elas existem em todo país e formam a maioria daquele grande número de pessoas neutras e politicamente indiferentes que nunca se filiam a um partido e raramente votam.” (ARENDRT, H. *Origens do Totalitarismo*, p. 361)

cidade que não dá conta dos efetivos anseios das pessoas e que, em Hiroshima e Nagasaki, demonstrou do que é capaz.

2.1.3

O anti-humanismo de uma sociedade que se diz humanista

Entende Emmanuel Lévinas que “a crise do humanismo em nossa época tem sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições.”²⁴

A contemporaneidade é caracterizada não só pela super produção de artigos bélicos, mas também pela abundância na criação de objetos oriundos do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico expostos a consumo.

Em função, entretanto, da má distribuição das riquezas, o poder econômico está concentrado nas mãos de determinados grupos sociais que podem consumir e que normalmente ditam o que deve ser consumido, excluindo desse processo grande parcela da população do planeta que muitas vezes não consegue adquirir nem mesmo o essencial à sua sobrevivência.

A evolução da ciência e da tecnologia resulta em maior produtividade econômica, que não se traduz na atualidade, porém, em melhor distribuição de bens, resultando, ao contrário, numa imensa superioridade de pequena parcela sobre a maior parte dos indivíduos que se vêem anulados pelo poder econômico.²⁵

O ideal consumista, como mais uma das idéias totalitárias na nova etapa do capitalismo²⁶, reproduz no indivíduo o desejo, o fascínio pelo consumo e num

²³ “Inteiramente mergulhado no grande rio da evolução, não pode tirar a cabeça da água nem subir à margem, visto que não passa de um elemento indiferenciado dessa imensa massa líquida que o tempo carrega.” (MATTÉI, J. F., *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, p. 310)

²⁴ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*, p. 82

²⁵ Giovanni REALE e Dario ANTISERI, in *História da Filosofia*, vol. III, p. 844, no capítulo intitulado “A Escola de Francoforte”, citando Adorno e Horkheimer, asseveram: “Com efeito, ‘o aumento da produtividade econômica, que, por um lado, gera condições para um mundo mais justo, por outro lado propicia ao instrumental técnico e aos grupos sociais que dele dispõem imensa superioridade sobre o resto da população. Diante das forças econômicas, o indivíduo é reduzido a zero. Estas, ao mesmo tempo, levam a nível jamais alcançado o domínio da sociedade sobre a natureza. Enquanto o indivíduo desaparece diante da máquina a que serve, é por ela provisionado melhor do que jamais o fora antes. No estado injusto, a impotência e a dirigibilidade da massa crescem com a quantidade de bens que lhe são fornecidos’.”

²⁶ Retomando os comentários de REALE e ANTISERI, agora especificamente sobre Horkheimer, p. 846: “Em 1939, Horkheimer (1895-1973) afirma que ‘o fascismo é a verdade da sociedade moderna’. Mas acrescenta logo que ‘quem não quer falar do capitalismo deve calar também sobre o

plano mais profundo, a vontade de dominar e controlar o mundo e outros homens, porquanto são os detentores do poderio econômico os que hoje ditam as regras. É assim que, sem perceber, o homem contemporâneo vem se perdendo enquanto individualidade e se tornando mais individualista; vem negando o humanismo que tanto buscou e se transforma em escravo daquilo que produz.

Nas palavras de Lévinas,

No mundo, em que as coisas estão em seu lugar, em que os olhos, as mãos e os pés sabem encontrá-las, em que a ciência prolonga a topografia da percepção e da *práxis*, mesmo ao transfigurar seu espaço; nos lugares onde se localizam cidades e campos que os humanos *habitam*, ordenando-se, segundo diversos conjuntos entre os *entes*; em toda esta realidade ‘correta’, o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados – em que a política e técnica resultam na negação dos projetos que os norteiam – mostra a inconsistência do homem, joguete de suas obras.²⁷

Como joguete de suas próprias obras o homem nega o seu próprio humanismo. No apogeu da razão, o discurso humanista não é capaz de impedir que o sujeito se torne seu próprio objeto e assistimos a guerras em nome do progresso e das conquistas materiais.

Continua Lévinas,

Os mortos que ficaram sem sepultura nas guerras e os campos de extermínio afiançam a idéia de uma morte sem amanhã e tornam tragicômica a preocupação para consigo mesmo e ilusórias tanto a pretensão do *animal rationale* a um lugar privilegiado no cosmos, como a capacidade de dominar e de integrar a totalidade do ser numa consciência de si.²⁸

A sociedade contemporânea busca a emancipação do humano na produção e no consumo de bens e a cada dia se torna mais refém de sua própria obra. O consumo se apresenta como um fim a ser perseguido por todos, se revela como sinônimo da felicidade; o que permite facilmente entender o motivo pelo qual todos querem ser consumistas, vez que aqueles que não consomem não se identificam com a massa e devem, portanto, ser excluídos, pois constituem a exceção.

fascismo’. E isso porque, em sua opinião, o fascismo está dentro das leis do capitalismo: por detrás da ‘pura lei econômica’ – que é a lei do mercado e do lucro -, está a ‘pura lei do poder’. ‘A ideologia fascista mascara, a exemplo da velha ideologia da harmonia, a própria realidade: o poder de uma minoria com base na posse dos instrumentos materiais de produção. A tendência ao lucro acaba no que sempre foi: a tendência ao poder social’.”

²⁷ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*, p. 82.

²⁸ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*, p. 83

Na época da razão o que parecia inacreditável acontece: almejando o controle de tudo e de todos, fechado em si mesmo e em sua totalidade, o ser humano reduz o *outro* a nada. O século XX não foi capaz de cumprir a promessa de uma melhor condição de sobrevivência e reduziu o *outro* ao não-ser absoluto, e este panorama tem se prolongado neste início de século.

O ser humano contemporâneo é um sujeito frágil, subjugado pela sua própria criação e que, a cada novo avanço científico-tecnológico se torna mais dependente de sua produção. Esta fragilidade, esta dependência do homem na contemporaneidade se contrapõem ao que se esperava concretizar com a racionalidade e o humanismo apregoados.

O modelo racional humanista da sociedade contemporânea tem levado o homem a uma equivocada compreensão do mundo em que o indivíduo, fechado em si mesmo, tenta se impor sobre o *outro*, seguindo o modelo da concorrência e da competitividade, mas se subjugava à coisa e aos objetos por ele criados.²⁹

Arrastada pelo império da razão, a sociedade contemporânea encontra no desenvolvimento e no progresso as alavancas para uma produção em abundância e conseqüentemente se torna refém desta, uma vez que não consegue consumir tudo o que lhe é colocado à disposição.

O anti-humanismo da sociedade contemporânea se torna explícito exatamente quando a racionalidade diz que o progresso científico-tecnológico é importante para a melhoria da vida do homem na Terra, mas que ao torná-lo escravo dos bens produzidos, subjugando-o às próprias necessidades, encerra-o na totalidade do si-mesmo, no individualismo e no egoísmo.

Toda a reflexão de Lévinas tem origem na denúncia dessa totalidade. A totalidade que conduziu o ocidente a manter uma civilização que almeja o poder e a dominação através da busca incessante de inovações científicas e tecnológicas. A conseqüência direta dessa totalidade é uma sociedade na qual o sujeito encontra-se

²⁹ Nos dizeres de MATTÉI: "... é a própria razão que revela sua natureza bárbara desde a aurora da humanidade. A razão é posta como totalitária porque, em sua necessidade ávida de universalidade, ela só conhece a unidade, o que equivale a levar à destruição de todas as singularidades. O pensamento racional, como a civilização que o assume, seria, assim, apenas um mecanismo coercitivo de dominação dos povos que se encontram esmagados nesse imenso empreendimento de liquidação da humanidade." (MATTÉI, J. F. *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, p. 11/12)

enclausurado em si-mesmo, preso ao seu desejo de poder, de produção, de consumo...³⁰

Essa racionalidade alicerçada no fechamento do indivíduo e voltada para o desenvolvimento reproduz no sujeito um egoísmo totalitário que se expressa no anti-humanismo, na barbárie das lutas, guerras e mortes.

De Auschwitz³¹ a Hiroshima e Nagasaki, passando pela Guerra Fria, é presenciado o grande progresso civilizatório paralelo ao crescimento da pobreza e do aumento do número de mortes. A subnutrição, os conflitos entre as nações, o avanço dos bolsões de pobreza e a miséria dos grandes centros urbanos caminham lado a lado com o desenvolvimento da produção de todos os gêneros de bens consumíveis.

O trágico caminho da racionalidade contemporânea conduz ao desejo desenfreado de dominação, de subjugação de indivíduos sobre indivíduos, de nações sobre nações, ensejando um estado de guerra constante. Em que pese o apregoamento da paz, o que a razão tem produzido é a barbárie desmascarada pelo anti-humanismo dos fatos e acontecimentos da atualidade.

Proclama-se a paz mas fomenta-se a guerra!

A consciência moral só pode suportar o olhar trocista do político se a certeza da paz dominar a evidência da guerra. Uma tal certeza não se obtém por simples jogo de antíteses. A paz dos impérios saídos da guerra assenta na guerra e não devolve aos seres alienados a sua identidade perdida. É necessária uma relação original e originária com o ser.

A sociedade atual está alicerçada sobre uma razão que nega a diferença, que não enxerga o *outro*, forjando uma condição de igualdade que, no mínimo, é irreal. A paz que essa forja de igualdade produz é uma violência pacífica, imposta através do poder, da dominação de uma pequena parcela que detém o poder sobre uma grande maioria de subjugados, de massificados, de mortos-vivos. É uma paz

³⁰ “Essa proposta filosófica de Lévinas mostra-se crítica das demais sabedorias que se autoproclamaram humanistas. A crise dos humanismos, para ele, manifesta a ineficácia da ambição humana e a precariedade da concepção de homem. O fim do humanismo, a morte de Deus e a morte do homem são as declarações mais absurdas que a sabedoria ocidental já fez. O fruto mais absurdo do totalitarismo do conceito foi a *Realpolitik* e todas as manifestações totalitárias que resultaram em guerras, mortes, perseguições político-religiosas e exclusões de *órfãos, viúvas e estrangeiros*. Os sistemas racionalistas ocidentais faliram porque transformaram o homem num ser submetido ao conceito e enclausurado ao limite da razão e da sua absurdidade.” (MELO, N. V. de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. p. 21)

construída sobre a violência, a violência da totalização, que homogeneíza a diferença através da submissão e da subserviência, que nega o papel específico de cada um na vida social.

Lévinas se contrapõe a esta perspectiva totalitária e direciona seu pensamento para uma nova concepção de paz, uma paz que se edifica sobre ética da *alteridade*.³² Ele questiona e alerta o sujeito contemporâneo para a necessidade de se abrir ao *outro*, saindo da prisão do em-si-mesmo.³³

Mergulhado em uma sociedade em que o mercado, de forma absoluta, dita as regras, o homem contemporâneo entende que para ser ele precisa consumir. Encerrado em seu individualismo, é um ser altamente competitivo e sem individualidade. Subjugado, é um sujeito indiferente à morte e à destruição daquilo que lhe é exterior – além de si, da totalidade do seu *Ser*. Negando tudo que não seja Eu, o ser humano contemporâneo é vítima de seu próprio egoísmo, e a cada dia tem mais dificuldades para sobreviver³⁴.

Prisioneiro de si mesmo e submisso a esta sociedade voltada para o mercado, o homem contemporâneo vive a eterna angústia da concorrência desenfreada e da avidez pelo consumo. Se fisicamente ele ainda não morreu, pode-se dizer que o corpo é o que ainda lhe sobra, tudo o mais lhe foi tirado.

2.1.4

Consumir para ser

Cerrado em sua totalidade, em seu Eu, reduzido a si-mesmo, o homem contemporâneo busca um sentido para sua existência. Assim é que, em pleno século

³¹ Auschwitz é o nome de um grupo de campos de concentração situados no sul da Polônia, símbolo do Holocausto, onde funcionava o centro administrativo de todo o complexo nazista.

³² Em razão disso, Luiz Carlos SUSIN diz que Lévinas se assemelha a um “profeta incômodo que saltou para fora de seu ambiente judaico em que o nome dessa dinâmica de totalização seria idolatria, e falou em praças gregas”. (SUSIN, L. C. *Caminhos e descaminhos do desejo nos textos de Emmanuel Lévinas e de René Girard*, p. 396)

³³ Assim agindo, o indivíduo poderia sair da sua condição de subjugação, evitando ser “consumido pelo seu próprio consumismo, no paradoxo de uma totalidade inteiramente complexa e impessoal, a do mercado reinante tecnologicamente.” (SUSIN, L. C. *Caminhos e descaminhos do desejo nos textos de Emmanuel Lévinas e de René Girard*, p. 396)

³⁴ “... ecossistema arruinado, transformado ainda romanticamente em possibilidade de ecoturismo, onde ecologias e culturas são fragmentadas e acolhoadas homogeneamente pela mesmidade do único príncipe, o mercado – terra tornada inferno pela desmedida de sua ambição de ser céu.” (SUSIN, L. C., *Caminhos e descaminhos do desejo nos textos de Emmanuel Lévinas e de René Girard*, p. 396)

XX e início do século XXI – momento em que se esperava que o ser humano já tivesse alcançado uma sobrevivência saudável e pacífica em razão das promessas da ciência e da tecnologia – em função do império do mercado, numa completa inversão de valores, o homem contemporâneo entende que para Ser ele precisa consumir. Mas não apenas consumir algo e se dar por satisfeito, ele precisa consumir mais do que aquele *outro* que lhe faz concorrência, sob pena de ser expulso do jogo.

O sujeito contemporâneo busca se auto-afirmar se impondo sobre o *outro*, reduzindo aquele que lhe é estranho, externo, diferente, a nada: o *outro* é uma ameaça ao Eu, mas como Eu sou total, o *outro* é um nada.

Compondo uma sociedade que se julga honrada pela evolução da ciência e que consolidou o capitalismo, o indivíduo contemporâneo é alguém a quem se impõem desejos e exigências, antes inexistentes, conforme o interesse do mercado. O domínio do mercado submete o homem à necessidade do consumo, sua liberdade é traduzida pela capacidade de consumir.

O homem contemporâneo é um sujeito dominado pela necessidade de consumir, alguém que se perdeu em si próprio³⁵ e se entregou submissamente às idéias totalitárias impostas pelo mercado. Pensa ser livre e autônomo, mas seu egoís-

³⁵ Sobre esse homem que se perdeu em si mesmo diz Ricardo Timm de SOUZA: “Vivendo em uma sociedade de produção, consumo, obsolescência e descarte, acostumamo-nos a pensar que absolutamente tudo o que nos diz respeito deve seguir o mesmo ciclo; também as indignações com o abjeto e admirações com o grandioso são efêmeras, e acabam no lugar-comum do mediano – talvez uma forma pior de esquecimento do que o próprio esquecimento. Pois o mediano é o medíocre, onde tudo é igualado a tudo; o suspiro de uma musa televisiva tem exatamente o mesmo valor que o suspiro final de uma criança morrendo de fome ou destroçada por uma bomba. Grita-se tanto, que já não se ouve nada, exceto o ruído cacofônico do entorpecimento dos sentidos e da razão. A razão entorpecida, fragmentada em pequenos espasmos de sobrevivência diuturna, instrumentalizada ao extremo, transforma-se em uma grande máquina de aniquilação da memória; promete-se implícita ou explicitamente o prazer, desde que imediato. (...) O mundo é o lugar onde os acontecimentos só têm sentido no presente do indicativo que flui, ágil, em uma miríade de cores, antes que seu peso real seja aferido; a memória é continuamente esvaziada, para dar lugar a mais quinquilharias produzidas em série pela agilidade das racionalidades imagéticas que se sucedem sem fim. Repleto de tudo, o presente encontra-se, na verdade, vazio, pois a multiplicação do irrelevante que toma o lugar do notável tomou para si exatamente essa função: pela demiúrgia de artistas que, hábeis como os mágicos de outrora, se especializaram em carregar os cérebros de ilusões, onde o que é verdadeiramente decisivo – em todos os sentidos – fica recalçado pelo excesso de resíduos físicos e mentais que sobram do momento que já desapareceu. É neste sentido que o mundo contemporâneo é o mundo da antimemória.” (SOUZA, R. T. *Por uma estética antropológica desde a ética da alteridade: do ‘estado de exceção’ da violência sem memória ao ‘estado da excepcionalidade do concreto*, p. 134)

mo, seu individualismo lhe cegam, e como *Eichmann*³⁶, torna-se mero instrumento de uma civilização bárbara e cruel.³⁷

Acreditando estar agindo conforme interesses próprios – preocupado em obter mais dinheiro³⁸ para alcançar mais sucesso e consumir ainda mais - o homem contemporâneo é mero instrumento numa sociedade capitalista que quer se perpetuar.

2.1.4.1

O consumismo e a exclusão

O consumismo e seus efeitos são, na atualidade, assuntos muito debatidos no espaço acadêmico, especialmente pela presença constante na mídia do discurso sedutor de que aquele que consome é mais feliz.³⁹

No contexto midiático, o consumismo se apresenta como um fim a ser perseguido por todos, se revela como um bem a ser alcançado pelos homens para atingir a felicidade; o que permite facilmente entender o motivo pelo qual todos querem ser consumidores, vez que não consumir é motivo para exclusão, para se tornar *diferente*, para ser o *outro*.

Na atualidade a possibilidade de consumo se torna a linha que separa os que estão dentro dos que estão fora do jogo; os que podem e os que não podem fazer parte da sociedade. Dentro da racionalidade contemporânea, marcada pela passagem do coletivo para o individual, outra não poderia ser a consequência, vez que nada mais individual do que o consumo.

³⁶ Ver nota 14.

³⁷ A respeito se manifesta Max WEBER: “O homem é dominado pela geração de dinheiro, pela aquisição de suas necessidades materiais. Essa inversão daquilo que chamamos de relação natural, tão irracional de um ponto de vista ingênuo, é evidentemente um princípio-guia do capitalismo, da mesma forma que soa estranha para todas as pessoas que não estão sob a influência capitalista. Ela expressa ao mesmo tempo um tipo de sentimento que está intimamente ligado a certas idéias religiosas.” (WEBER, M. *A Ética Protestante*, p. 49)

³⁸ Conforme expõe Luiz Carlos SUSIN, para Lévinas “O dinheiro é o último grau desta alienação: desembarçada do autor, a obra pode sofrer o processo de abstração pela mediação racional do terceiro termo que em si não é nada mas pelo qual a obra perde seu valor próprio e sua qualidade, e fica valorada no comércio com um valor quantificado, obedecendo às leis do proprietário de poses e do mercado, como já mencionamos.” (*O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. p. 119)

³⁹ Régis de MORAIS apresenta-nos a seguinte fórmula de passagem do Valor – aqui entendido como o consumo voltado para nossas necessidades - para o Antivalor – consumo alucinado, alienado, fomentado pela propaganda: VALOR (consumo) (+) → HIPERTROFIA DO VALOR (con-

Com as regras sociais sendo ditas pelo mercado - que, a cada dia, apresenta novas e mais sedutoras oportunidades de consumo -, propugna-se a idéia de que a felicidade é proporcional ao quanto se consome de serviços e produtos.

A dignidade humana passa a ser entendida simplesmente como a capacidade de aquisição de determinados objetos, adoção de certo estilo de vida e possibilidade de frequentar alguns lugares. Ou seja, somente se sente cidadão (não-excluído), na contemporaneidade, aquele que consegue consumir os produtos e serviços colocados à disposição no mercado.⁴⁰

Ao passo que os meios de comunicação, na qualidade de porta-voz do mercado, propagam o que se deve consumir para se sentir pleno, livre e realizado, trazem, imediatamente, na mesma mensagem, a regra da exclusão, gerando decepção naqueles que não podem adquirir a atual *promessa de felicidade* e, conseqüentemente são relegados à categoria dos *diferentes*, de *outros*.⁴¹

Quanto mais o indivíduo consome, mais fortalece essa sociedade, todavia, no mesmo compasso, a inserção social é movida pela seguinte lógica: as pessoas são o que elas possuem e, quem não pode possuir, é *diferente*, é *outro*, logo, deve ser afastado, excluído.

Está-se diante, mais uma vez, de um paradoxo: para que exista o lucro, deve existir um maior número de consumidores, mas o próprio mercado exclui a maior parte das pessoas da possibilidade de consumo.⁴²

Aquele sujeito, portanto, que não pode consumir - o *consumidor falho*⁴³ - deve ser retirado do tabuleiro de jogo (da sociedade) para não incomodar o que

sumo desenfreado) → TURBAÇÃO DA CONSCIÊNCIA (alienação) → TRANSFORMAÇÃO EM ANTIVALOR (exclusão) (-). (MORAIS, R. *Estudos de Filosofia da Cultura*, p. 88).

⁴⁰ Acontece, que a possibilidade de frustração e exclusão nessa sociedade é grande, vez que “não há padrões a cujo nível se manter – a linha de chegada avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes, enquanto se tenta alcançá-las”. (BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, p. 56)

⁴¹ “O mercado prometeu uma forma ideal de liberdade e, na sua contra face, uma garantia de exclusão. Assim como o racismo se desnuda na entrada de algumas discotecas cujos porteiros são especialistas em diferenciações sociais, o mercado escolhe aqueles que estarão em condições de, no seu interior, fazer escolhas. (...) Os meios de comunicação reforçam essa idéia de igualdade na liberdade, que é parte central das ideologias juvenis bem pensantes, as quais desprezam as desigualdades reais.” (SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*, p. 41).

⁴² A questão é tão truncada que o filósofo francês contemporâneo, Jean BAUDRILLAR, considera que o móvel da sociedade de consumo se baseia exatamente na impossibilidade de que todos consumam. Para ele, o consumo funciona como uma forma de afirmar a diferença entre os indivíduos, pois o objeto que se adquire funciona como um signo da diferença de posição social, “o prazer de mudar de vestuário, de objetos, de carro, vem sancionar psicologicamente constrangimentos de

ainda permanece jogando. E após ser retirado, deve ser mantido em confinamento em algum canto, de preferência sem condições dignas de vida, para que possa servir de estímulo aos que, por enquanto, permanecem no jogo.

A violência desse processo obsessivo de consumo é tão grande que obnubila a lucidez do ser humano, tornando-o um alienado – escravo de produtos consumíveis e inimigo, na figura de concorrente, dos outros homens, sendo capaz até mesmo de eliminá-los – que *coisifica* outros seres humanos e humaniza objetos. Na medida em que *Ser* e *Ter* se confundem, violando a subjetividade, o homem se torna passível de apropriação por outro homem, tal qual ocorre na comercialização e na guerra.

A supervalorização do consumo tem uma vertente *banalizadora do mal* quando reforça a idéia de que o *outro*, o *diferente* (não-igual) deve ser visto e tratado como *objeto de intolerância*⁴⁴. O homem contemporâneo, em seu individualismo, desenvolveu em si uma tendência para reprimir a dessemelhança, deslocando os *desiguais* para as margens sociais, segregando-os espacialmente. Esse *outro* é tratado como algo absolutamente desprendido de singularidade individual.⁴⁵

Na atualidade, verifica-se que na sociedade de consumidores imposta pelo mercado, o *refugo*, o *outro*, o *diferente*, são, em regra, as pessoas carentes de recursos materiais e, portanto incapazes de consumir. Essas pessoas passam a ser tratadas como *coisa* na medida em que são tidas como desnecessárias à manutenção da vida social e, por serem redundantes, dispensáveis, devem ser encaminhadas, *varridas*, para o lixo.

diferenciação social e de prestígio”. (BAUDRILLAR, J. *Para uma crítica da economia política do signo*, p. 38)

⁴³ Segundo Bauman: *consumidores falhos* são os consumidores insatisfeitos, aqueles cujos meios não estão à altura dos desejos, e aqueles que recusaram a oportunidade de vencer enquanto participavam do jogo de acordo com as regras oficiais.

⁴⁴ Nas palavras de João Ricardo Wanderley DORNELLES, “O ‘mal banalizado’ significaria exatamente a perda das referências de convivência com o diferente, onde as ações não são valoradas, onde a razão é obscurecida por impulsos agressivos ocupando todo o espaço social.” (*Globalização, Direitos Humanos e a Violência na Crise da Modernidade*, p. 42.)

⁴⁵ Esse processo de *coisificação* é muito bem explicado, em decorrência, obviamente, da sensibilidade peculiar dos poetas, pelo itabirano Carlos Drummond de ANDRADE em *Eu, etiqueta*: “Da vitrine me tiram, recolocam,/ Objeto pulsante mas objeto/ Que se oferece como signo dos outros/ Objetos estáticos, tarifados./ Por me ostentar assim, tão orgulhoso/ De ser não eu, mas artigo industrial,/ Peço que meu nome retifiquem./ Já não me convém o título de homem./ Meu nome novo é Coisa./ Eu sou a Coisa, coisamente.” (*O Corpo*, p. 85-87)

A idéia de separação e descarte do *refugo* pode sintetizar o móvel da era contemporânea em todas as suas esferas. E mais, num contexto onde o *refugo* é composto por seres humanos que perderam a sua individualidade e se tornaram *coisas*, é preciso manter a ordem e limpar a casa, depositando o lixo em locais, de preferência, distantes e a prova de vazamento.⁴⁶

Em outras palavras, na medida em que o homem contemporâneo *coisificou* aquelas pessoas consideradas *diferentes*, ou seja, os indivíduos que não podem consumir em plena sociedade de consumidores, ele se desobrigou de olhar para elas como cidadãos e, conseqüentemente, retirou de sua consciência qualquer dever de consideração ou respeito para com elas.

2.1.4.2

O confinamento espacial do diferente

O capitalismo e o consumismo, como frutos das transformações econômicas contemporâneas, aliados ao progresso técnico e científico, apontam para um processo de massificação que se exprime na totalidade e no individualismo atuais.

Inseridos em uma sociedade em crise, erguida sobre a destruição, a competição, o egoísmo e o individualismo, não é difícil a intolerância do homem contemporâneo para com o *outro*, o *diferente*.

A repugnância do homem contemporâneo para com o *diferente* e a dificuldade de com ele conviver não são temas novos - embora prementes - tampouco são as soluções empregadas, qual seja, a exclusão, o afastamento. Para se livrar do estorvo causado pela presença daquele que não se encaixa no modelo padronizado, a regra geral é o confinamento, o isolamento⁴⁷.

A tônica é: se se é doente, deve ir para o hospital; idoso, para o asilo; menor de idade abandonado, para o orfanato; menor de idade transgressor da lei, para a instituição correcional; portador de sofrimento mental, para a casa de saúde; han-

⁴⁶ Bauman assevera que “Removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olha-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles.” (BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*, p. 38)

⁴⁷ “O que se percebe, contemporaneamente, são práticas de conduta bastante orientadas para a expulsão do *outro* (*alter*) do universo e do espectro de vivência individual. Por vezes, trata-se de simples expulsão da alteridade distante, aquele sobre a qual se projetam os maiores medos e receios da vida contemporânea; às vezes, trata-se de expulsão de toda a alteridade, inclusive da alteri-

seniano, para alguma colônia fora da cidade; maior de idade que cometeu delito, para a prisão; maior de idade, portador de sofrimento mental, que praticou fato típico e antijurídico, para o manicômio judiciário...⁴⁸

Como se constata, o fato de ser *diferente*, leia-se, de não se enquadrar dentro dos parâmetros de aceitação social determinados evidentemente pelo próprio mercado, gera um processo de distanciamento, de segregação, de segmentação entre as pessoas. O *outro*, ou seja, o *diferente* se torna objeto de intolerância.

O progresso científico e tecnológico da humanidade, como esperança de uma sociedade de convivência harmônica, não se realizou, ao contrário, o que a contemporaneidade tem assistido é uma nova estruturação social onde o problema da exclusão é dilatado e as desigualdades sociais são alargadas.

Na medida em que os avanços da ciência e da tecnologia não foram capazes de ultrapassar as fronteiras e extirpar as *diferenças*, acabaram por estimular a reconstrução das individualidades em espaços menores e limitados, as ditas *localidades* na expressão de Bauman, ou os guetos na linguagem de Wacqüant, ou ainda as comunidades na representação brasileira; que se caracterizam pelo *confinamento espacial* de uma homogeneidade dos que estão dentro e uma heterogeneidade em relação aos que estão do lado de fora.⁴⁹

A sociedade pautada no consumo tem como resultado o aumento da distância entre os que podem consumir – considerados, portanto, cidadãos – e os que não conseguem realizar os desejos divulgados pelo mercado – a *coisa*, o *diferente*.

Se outrora, aqueles que não conseguiam consumir eram os produtores e, no caso dos desempregados, a reserva de mão-de-obra, portanto, integrantes da sociedade, ainda que numa condição de inferioridade; hoje, esses mesmos seres – e

dade próxima, restando na existência apenas uma perspectiva individual de ação, o que fragmenta a vida social.” (BITTAR, E. C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*. p. 7)

⁴⁸ “O confinamento espacial, o encarceramento sob variados graus de severidade e rigor, tem sido em todas as épocas o método primordial de lidar com setores inassimiláveis e problemáticos da população, difíceis de controlar. (...) A separação espacial que produz um confinamento forçado tem sido ao longo dos séculos uma forma quase visceral e instintiva de reagir a toda diferença e particularmente à diferença que não podia ser acomodada nem se desejava acomodar na rede habitual das relações sociais.” (BAUMAN, Z. *Globalização: As Conseqüências Humanas*, p. 114)

⁴⁹ Interessante lembrar o Professor Régis de MORAIS quando diz que a idéia de limitação é algo que causa ao homem um desconforto íntimo, uma insatisfação. Ainda que elas sejam naturais, como as limitações físicas e mentais a que estão condicionados os seres humanos, provocam descontentamento; não ferindo, porém, o seu íntimo, porque produzidas pela própria natureza. “Todavia, são as restrições forçadas e impostas as que podem destruir inteiramente o sentido de uma vida.” (*O Meio Urbano – Mercado de Aflições*, p. 102.)

mais alguns que a eles se agregaram – são encarados como transgressores da lei e perturbadores da ordem, sujeitos intoleráveis.⁵⁰

Essa mudança reflete conseqüentemente, por exemplo, na lógica do sistema punitivo. Se anteriormente a pena era tida como uma instituição disciplinar que se preocupava, ao menos em tese, em preparar o transgressor da lei para o retorno ao convívio social, na atualidade a prisão – a pena por excelência na maior parte dos países ocidentais - é mera *casa* de acolhimento dos excluídos do mercado de consumo, os *diferentes*.

Bauman e Wacquant concordam ao afirmar que terminou a preocupação ou a responsabilidade coletiva, sendo que a punições hoje se justificam pelo simples excluir do convívio social os *diferentes*.

Não é de hoje que os muros das prisões representam o isolamento dos *diferentes*, mas o problema atual é quem são esses *diferentes*, esses *outros*, e porque eles se tornam *diferentes*.

Na medida, porém, que o número de *diferentes* aprisionados cresceu, aumentou, conseqüentemente, os custos desse setor. Em se tratando, todavia, de uma era onde o mercado não pode se desaquecer, ou seja, não pode perder capital, quatro medidas estão sendo tomadas pelos Estados: a) diminuição da qualidade de vida, dos serviços prestados e dos investimentos nos detentos; b) investimento em tecnologia para aumentar a vigilância; c) transferência de parte dos custos da carceragem para os presos e seus familiares; e, finalmente, d) reintrodução da utilização da mão-de-obra desqualificada dos internos nas prisões. Definitivamente os que ali adentram não têm qualquer perspectiva de mudança na sua situação...⁵¹

De outra ponta, houve um desenvolvimento significativo da indústria privada da carceragem. E a prosperidade dessas indústrias é tão grande que enseja a realização de eventos como a “Expô-Prisão” em 1994 em Indiana ou “Congresso de Orlando” em 1997 na Flórida, ambas nos Estados Unidos, onde são exibidos,

⁵⁰ “A proximidade imediata de amplas e crescentes aglomerações de ‘pessoas refugadas’, que tendem a ser duradouras e permanentes, exige políticas segregacionistas mais estritas e medidas de segurança extraordinárias para que a ‘saúde da sociedade’ e o ‘funcionamento normal’ do sistema social não sejam ameaçados. (...) O ‘refugio humano’ não pode mais ser removido para depósitos de lixo distantes e fixado firmemente fora dos limites da ‘vida normal’. Precisa, assim, ser lacrado em contêineres fechados com rigor. O sistema penal fornece esses contêineres.” (BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. p. 107)

⁵¹ “De forma explícita, o principal e talvez único propósito das prisões não é ser apenas um depósito de lixo qualquer, mas o depósito final, definitivo. Uma vez rejeitado, sempre rejeitado.” (BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. p. 107)

para efeitos comerciais, os novos produtos e serviços úteis ao sistema carcerário: armas de fogo, algemas de vários modelos inclusive acolchoadas, grades, cadeados, móveis para celas, grelhas eletrificadas de efeito letal, artigos de higiene, perfumaria, alimentação e até mesmo celas desmontáveis.

É facilmente percebido que a indústria carcerária hoje se tornou um campo promissor, que movimenta grandes quantias e, portanto, deve, dentro da visão capitalista, ser fomentada. E a pergunta que não quer calar é: - De que forma? A resposta não tarda. – Produzindo mais exércitos de não consumidores, de *diferentes*, de *coisas*. A constatação de que o aprisionamento é interessante, não só para retirar da sociedade esses *diferentes*, como também para gerar novos empregos e fomentar as políticas econômicas capitalistas, é quase que imediata.

Ocorre que todos esses *descartados*, confinados em algum canto do planeta por serem intoleráveis, já não estão facilmente aceitando essa pressão, essa rejeição, e respondem da forma que podem, ou seja, através do uso da violência, de atos cruéis, da prática de delitos⁵²... Ao serem violentamente extirpados do convívio social, respondem também com violência e esta é reproduzida e repassada... O homem contemporâneo já não enxerga no *outro* homem alguém, mas algo contra quem o Eu deve se postar para se manter vivo.

Ora, não é preciso muito esforço para imaginar que, na velocidade do crescimento do número de intoleráveis, em breves tempos não estaremos distantes de uma imensa e poderosa *bomba humana* e, se a estratégia de ação utilizada até então não for mudada, permanecerá o grito: - Salve-se quem puder!⁵³

⁵² “A própria sociedade vê-se vitimizada pelos produtos de sua criação. A criminalidade sofisticase para interagir de outras formas na pós-modernidade. Os crimes reais são convertidos em virtuais, os assaltos em seqüestros, os veículos de transporte em armas-bomba ambulantes, as soluções bioquímicas são potentes instrumentos de extermínio coletivo. Somente a disseminação de uma ética da não-violência, instituída como pauta de conduta para o século que irrompe, poderá conter, paulatinamente, os nefastos efeitos de uma era profundamente marcada pela divisão, pelo separatismo, pelo ódio contido, pela dominação, pelo sectarismo, pela guerra fria, pela ostentação de poder, pela ganância irrefreada, pela sede de conquistas megalomânicas, pela tortura, pela espionagem, pela corrida armamentista, pela violência legalizada e institucionalizada.” (BITTAR, E. C. B. *Ética, educação, cidadania e Direitos Humanos*. p. 44-45.)

⁵³ “Porém se o mundo é uma sociedade como um aglomerado de *eu's* em expansão por assimilações nas identificações, chega-se inevitavelmente a situações em que nem o próprio Estado poderá controlar a expansão: é o estado de guerra, a situação mais ‘anti-messiânica’ que pode existir, pois a paz é o grande bem da era messiânica. A paz, uma vez declarada a guerra, será a paz derrotada dos cemitérios.” (SUSIN, L. C. *O homem messiânico*. p. 131)

2.2

A perspectiva de Emmanuel Lévinas

A crise da sociedade contemporânea pode ser sintetizada em seu anti-humanismo.

Trata-se de uma sociedade constituída sob os temores da guerra, da morte e da destruição; gerada, estabelecida e consolidada na competição, no progresso tecno-científico, no individualismo, na racionalidade, no consumismo e na indiferença para com o *outro*, o *diferente*.

Uma sociedade submetida ao ideal de progresso e que, por sua vez, subjuga os sujeitos que a compõem, reduzindo-os à mera condição de consumidores, fechados nos desejos individuais e que sonham em consumir sempre mais, em detrimento de todos e tudo que vai além de si.

O homem contemporâneo é um indivíduo centrado em si mesmo, no eu totalitário, imbuído do espírito de competitividade, que encontra no modelo social de sua época um império do mercado a lhe transformar os sentidos e os valores de si-mesmo e do que está ao seu redor. É um sujeito quase “morto” – de quem ainda não tiraram a vida física, mas destruíram a individualidade - que precisa constantemente se abastecer, isto é, consumir, para se sentir vivo.

Ante essa realidade inquestionável, a revalorização do sentido ético do humano e o respeito às diferenças surgem como hipóteses possíveis para a consagração de uma sociedade assentada na pluralidade, na fraternidade e na paz.

Emmanuel Lévinas, através da experiência das duas grandes guerras mundiais que revelaram a indiferença do homem contemporâneo para com o *outro*, direciona seu pensamento de forma progressiva buscando a primazia da ética sobre o *Ser*. A partir do reconhecimento do *outro* Lévinas apresenta uma perspectiva de superação do fechamento do homem contemporâneo em si-mesmo e faz uma proposta para a aniquilação do egoísmo através da ética da *alteridade* como caminho para a justiça.

Pode-se dizer que a tônica do pensamento de Lévinas é a presença do *outro*, o *rosto*⁵⁴ diante do qual estou e que reconheço antes do que a mim mesmo e graças ao qual me reconheço a mim mesmo⁵⁵.

Lévinas faz uma crítica radical à primazia da ontologia⁵⁶ – não negando-a enquanto saber, mas o seu primado – pois ela teria ensejado a violência, a intolerância para com o *diferente* e o domínio sobre o *outro*. Para ele, a ética, que se traduz na responsabilidade infinita do Eu pelo *outro*, é a filosofia primeira.

O rompimento definitivo com o idêntico é a proposta de Lévinas, que diz que somente no encontro com o *outro* o Eu é capaz de superar a sua totalidade. Lévinas tem como base de todo o seu pensamento filosófico a relação com o *outro*, é ele o cerne de toda relação humana. Em nossa realidade não há somente uma relação do Eu consigo, nem apenas do Eu com o *outro*, mas com diversos seres humanos.

Lévinas questiona o pensamento e a filosofia ocidental e introduz a presença do *rosto do outro* como possibilidade de resgate e de reencontro da subjetividade humana. Em síntese, ele elaborou uma crítica radical da contemporaneidade, propondo a superação do pensamento totalizante que a caracteriza.

Vislumbramos seu pensamento como uma perspectiva de reflexão do homem e da sociedade contemporâneos, onde o reconhecimento do *outro* é o sentido da própria existência humana e a justiça é edificada na bondade como caminho de acesso para a fraternidade e a paz; é a justiça do um para com o *outro*.

A questão primeira pela qual o ser se dilacera e o humano se instaura como ‘diversamente de ser’ e transcendência relativamente ao mundo, aquela sem a qual, ao in-

⁵⁴ Para Emmanuel LÉVINAS, “a verdadeira essência do homem se presentifica no rosto, onde ele é infinitamente outro...” (*Totalidade e Infinito*. p. 323)

⁵⁵ “A existência, portanto, tem sido marcada por um profundo processo de dilaceração da consciência da importância/necessidade do outro (*alter*) para a construção do eu (*ego*). Nesta relação, do tipo dicotômica-excludente, os referenciais remotos são os primeiros a serem expulsos da dimensão individualista de vida do eu, para, em segundo plano, também se fragmentarem as relações com a alteridade próxima, igualmente afetada por um modo de pensar, agir, e serem marcados pela idéia da exclusão do outro. O problema das exclusões (sociais, raciais, étnicas, econômicas, políticas...) tem a ver, direta e indiretamente, com os modos pelos quais se estruturam as consciências em torno do convívio social. Numa perspectiva de formação de espíritos individualistas, a cultura da necessidade do outro (*alter*) se potencializa.” (BITTAR, E. C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*, p. 7)

⁵⁶ “A ontologia traduz, no fundo, uma filosofia do poder e da violência, ou ainda, a dominação imperialista, a tirania e o poder do Estado. O primado do ser sobre o ente (Heidegger), que não escapa a este primado da violência, será um dos alvos decisivos nas críticas de Lévinas à ontologia.” (FABRI, M. *Desencantando a ontologia: subjetividade e sentido ético em Lévinas*, p. 13.)

vés, qualquer outra interrogação do pensamento é apenas vaidade e corrida atrás do vento – é a questão da justiça.⁵⁷

⁵⁷ LÉVINAS, E. *Ética e Infinito*. p. 10-11.